

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A RELAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E OS OBJETIVOS DE ENSINO NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**JULIANA SAMUEL DOS SANTOS**

**CORUMBÁ  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A RELAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E OS OBJETIVOS DE ENSINO NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia apresentada por JULIANA SAMUEL DOS SANTOS, ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, como um dos requisitos para a obtenção do título de Professor de Educação Física.

Orientador(a):

FABIANO ANTONIO DOS SANTOS

CORUMBÁ  
2015

JULIANA SAMUEL DOS SANTOS

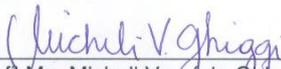
**A RELAÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E OS OBJETIVOS DE ENSINO NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de "Licenciado em Educação Física" e aprovado em sua forma final pela banca examinadora.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Fabiano Antonio dos Santos  
Orientador (a) – UFMS/CPAN



Prof. Me. Micheli Vergnia Ghiggi  
UFMS/CPAN



Prof. Esp. Guilherme Afonso Monteiro de Barros Marins  
UFMS/CPAN

Corumbá/MS  
2015

Dedico este trabalho a Deus, pelo trajeto que me fez percorrer, e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta formação em todos os momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela minha existência e pela formação profissional adquirida. Aos meus pais, Cícero Lucas e Margareth, pela força percorrida até aqui e sabedoria em tomar decisões em momentos de dificuldade. Ao meu orientador, Prof<sup>o</sup> Dr. Fabiano, pelo desempenho ao me orientar e paciência que teve em todo momento. A Letícia Soares, Thaynara Santos e Brenda Hellen pela amizade, carinho e dedicação ao me auxiliar em diversas situações. Ao meu noivo, Luiz Octavius, por ter permanecido firme ao meu lado, ajudando-me sempre. E aos demais mestres que contribuíram em minha formação acadêmica.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS DE ENSINO E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
2.1 Avaliar é... Algumas concepções sobre a avaliação escolar.....	13
2.2 Avaliação na educação física escolar: para além de uma visão instrumental.....	16
3. RELAÇÕES ENTRE CONCEPÇÃO DE ENSINO E AVALIAÇÃO.....	21
3.1 – Caracterização das escolas e professores.....	21
3.2 – Metodologia aplicada pelos professores.....	22
3.3 - Relações entre a concepção de ensino do professor e avaliação realizada.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
Referências.....	36
APÊNDICE – I.....	37
APÊNDICE – II.....	38

## RESUMO

A presente pesquisa visa compreender como é tratada a avaliação escolar na prática pedagógica de professores de Educação Física no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, e suas relações entre os objetivos de ensino e a metodologia empregada. Visa, ainda, evidenciar os critérios utilizados pelos professores para avaliação dos discentes; identificar a relação entre a concepção de ensino do professor e a avaliação realizada; verificar quais são os objetivos de ensino e avaliação; reconhecer a metodologia e avaliação aplicada pelo professor. Para tanto, desenvolveu-se um estudo de caso, envolvendo duas escolas de Corumbá, sendo uma da rede pública e, outra, da rede privada de ensino. Dessa forma, ocorreram entrevistas em que, três professores, responderam sobre suas compreensões quanto aos objetivos e metodologia de ensino bem como sua relação com a avaliação. As aulas dos professores foram observadas com o intuito de perceber como realizam sua prática pedagógica, especialmente, a avaliação. Os resultados apontam para uma fragilidade na compreensão da avaliação como parte integrante da prática pedagógica. Notou-se, portanto, a seguinte observação: ainda que a concepção dos professores sobre avaliação apresente avanços significativos, quando relacionamos com o conjunto da atividade docente, demonstra-se como uma fase desvinculada do todo.

**Palavras-chave:** Avaliação escolar; Objetivos de Ensino; Metodologias de ensino; Escola.

## **ABSTRACT**

This research wants to understand how the school evaluation is treated in pedagogical practise of physical education teacher of Corumbá - MS and their relationship between the education goals and methodology used by them. This research wants, yet, emphasize the criterias used by the teachers to the students evaluation; identify the relation between teaching concept of the teacher and the evaluation made; verify what are the teaching goals and evaluation; identify the methodology and evaluation made by the teacher. For that happen, the research was developed by a study of the case involving two schools of Corumba, one public school and one private school. Three teachers were interviewed and they answered questions about their comprehension about goals and methodology with their evaluation. Three class of these three teachers were watched to see how they do their pedagogical practice, especially the evaluation. The results show us that the weakness is the evaluation's comprehension as a part integrant of pedagogical practice. Even that the teacher's concept about the evaluation indicate important advances, when we relate with group of teaching activity, this is as a phase separate of the total.

**Key words:** school evaluation, teaching goals, teaching methodology; school.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema a forma de avaliação nas aulas de Educação Física. No decorrer dos anos em que passei na escola, nunca tive provas nas aulas de Educação Física. Eram feitas atividades no contraturno com atividades separadas por gênero. A nota era atribuída de acordo com a frequência dos alunos. Assim, aqueles que faltavam às aulas, tinham suas notas diminuídas proporcionalmente. Além da frequência, outra forma avaliativa muito comum naquela época era a premiação para os alunos que melhor se desenvolviam nas atividades esportivas, conteúdo privilegiado nas aulas. Esses critérios, usados pelos professores para nos avaliar, são melhores compreendidos hoje após me inserir no mundo acadêmico da Educação Física. Hoje, compreendo que a falta de critérios ou a utilização de estratégias avaliativas pouco críticas, desassociadas de uma concepção de ensino e de uma metodologia clara do professor, é um problema fundamental para o trabalho da educação física na educação escolar. Diante do exposto, a presente pesquisa visa abordar a temática da avaliação na educação física escolar e suas relações com a concepção teórico-metodológica dos professores.

Nossa investigação parte da problematização de que a falta de melhor compreensão sobre a importância da avaliação escolar, nas aulas de educação física, tem gerado atividades pouco críticas e sem qualquer relação com a própria prática pedagógica em termos de concepção de ensino, objetivos e metodologia adotados pelos professores. Isso tem gerado práticas sem o estabelecimento de critérios claros quase sempre pautados na participação em aula e na realização de movimentos que enfatizam a performance esportiva. Nesse sentido, indagamo-nos sobre as seguintes questões: Como a avaliação escolar é tratada na prática pedagógica de professores de educação física do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul? Que relações são estabelecidas entre os objetivos de ensino, a metodologia adotada e as estratégias avaliativas? Quais os critérios utilizados e as relações destes com a concepção de ensino adotada?

O objetivo geral da pesquisa é o de compreender como é tratada a avaliação escolar na prática pedagógica de professores de Educação Física do município de Corumbá, MS, e suas relações entre os objetivos de ensino e a metodologia empregada. Para os objetivos específicos pretendemos evidenciar os critérios utilizados pelos professores para avaliação dos discentes; identificar a relação entre a concepção de ensino do professor e

a avaliação realizada; verificar quais são os objetivos de ensino e avaliação; reconhecer a metodologia e avaliação aplicada pelo professor.

Soares *et. Al.* (2012), explica que a avaliação do processo de ensino aprendizagem vai muito além da aplicação de testes, seleção e classificação dos alunos. A avaliação está, portanto, vinculada à concepção de educação, de ensino e até de mundo do professor e da escola onde estão inseridos alunos e professores. Avaliar é assim, uma atividade que requer clareza dos objetivos e da metodologia que se pretende adotar.

Os objetivos se definiram pela realização de estudo de caso de duas escolas, uma particular e outra pública, situadas na cidade de Corumbá, MS. As escolas foram denominadas de “A” (escola privada) e “B” (pública) com o intuito de perceber se há diferenças entre a rede privada e pública quando o assunto é a prática pedagógica do professor e se a estrutura oferecida pode contribuir para o bom desenvolvimento de suas atividades.

Na primeira fase, ocorreram observações nas aulas e de outros momentos como horário de entrada, saída e recreio dos alunos. Na segunda, uma busca mais detalhada dos dados recolhidos e, logo depois, diagnosticados e organizados para a necessária interpretação. A terceira, e última fase, compôs-se por entrevistas com os professores de educação física das escolas pesquisadas. Ao total, realizaram-se três entrevistas que buscamos compreender alguns pontos considerados fundamentais: objetivos de ensino; metodologia adotada pelo professor; estratégias adotadas para avaliação; concepção de educação física; relação entre critérios de avaliação e concepção de ensino; relação entre avaliação e metodologia adotada.

De acordo com Lüdke e André (1986) o estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador estiver interessado em pesquisar uma situação em particular, mas sem considerar as relações com a totalidade. As autoras citam características fundamentais do estudo de caso em que estas:

Enfatizam a ‘interpretação em contexto’. 3 – Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação. 5 – Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas. 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18-20).

Esse tipo de pesquisa retrata a complexidade de uma situação particular e o pesquisador utiliza várias fontes para a coleta de dados. Contudo, em uma situação de pesquisa escolar, o pesquisador terá de observar momentos de aula, hora de entrada e saída dos alunos, recreio, reuniões e coletar dados desde o início até o fim do ano ou semestre. O pesquisador também poderá ouvir diferentes membros da comunidade escolar tais como, por exemplo, alunos, professores e funcionários. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

A pesquisa está organizada em dois capítulos. No primeiro, citaremos algumas concepções de diferentes autores sobre os objetivos de ensino e avaliação escolar e ainda, neste, falaremos sobre a prática avaliativa para além de uma visão instrumental em que o professor utiliza instrumentos de ensino para “atacar” o aluno, fazendo com que o mesmo se torne submisso; e não é essa a nossa finalidade.

No segundo capítulo, apresentaremos as escolas e os professores que fizeram parte do nosso estudo de caso e a metodologia de ensino aplicada por cada um deles em suas aulas de Educação Física. Em seguida, faremos as relações entre a concepção de ensino do professor e avaliação realizada por ele.

## **2. OBJETIVOS DE ENSINO E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Nesse primeiro capítulo, citaremos o conceito de avaliação escolar bem como os autores que discutem sobre tal assunto e suas diferentes concepções. Além disso, também serão apresentados e discutidos os objetivos de ensino e avaliação e, assim, entenderemos que esta deve servir para problematizar a ação pedagógica não somente para conceituar o aluno, ou seja, servirá também ao discente e docente. (FREITAS, 2003).

Em seguida, no segundo tópico, discorreremos sobre a avaliação de forma instrumental, referindo-se à prática avaliativa em constituição de “instrumentos de poder” utilizados para “atacar” os alunos, exigindo uma conduta disciplinada e submissa. No entanto, mostraremos também uma visão para além da avaliação instrumental.

## 2.1 Avaliar é... Algumas concepções sobre a avaliação escolar

Ao refletirmos sobre o processo avaliativo realizado em sala de aula, percebe-se que sua finalidade tem se estabelecido sobre critérios amplos, genéricos e voltados apenas à mensuração da aprendizagem, ou seja, saber o quanto o aluno aprendeu sobre determinado conteúdo. Embora esse seja um dos principais objetivos da avaliação, acreditamos que sua finalidade possa ser ampliada ao envolver os alunos em um processo decisório e encarar essa prática como uma reflexão sobre a prática pedagógica adotada pelo professor. Assim, a avaliação serviria tanto para avaliar o aluno por meio de sua participação ativa como também avaliar a prática pedagógica do professor. (FREITAS, 2003).

Para Freitas (2003), a avaliação acontece em dois planos: avaliação formal e avaliação informal. Na avaliação formal, estão presentes as técnicas e procedimentos concretos como prova e trabalhos em que possam ser atribuídos uma nota. Já a avaliação informal é constituída de juízos de valores invisíveis que interferem no resultado da avaliação final. Em caso de os professores não serem capacitados para fazer uma interação metodológica nesses dois planos que, representam a relação professor/aluno, o juízo formado é que irá determinar o que fazer com este ou aquele aluno.

De acordo com Palafox e Terra (1998), a prática avaliativa tem se constituído em instrumento de poder utilizado para “atacar” os alunos, cobrando uma conduta disciplinada e submissa.

Nesta perspectiva o processo avaliativo tem favorecido a tomada de decisões, muitas vezes arbitrárias, dos professores e das autoridades escolares, extrapolando-se assim sua função (‘peguinhas’ nas provas, testes-relâmpagos, provas difíceis – são exemplos desse tipo de prática educacional). (PALAFOX; TERRA.1998, p. 2)

Pensar a avaliação numa perspectiva atual de educação tem se tornado praticamente impossível, pois a avaliação escolar está associada à um sistema de notas que lhe dá significado e sentido. Para muitos, no caso de retirar o sistema de notas, seria a perda da “identidade” da avaliação escolar, pois se acredita que lidar com o conhecimento escolar é o mesmo que exigir dos alunos um determinado padrão de conhecimento. (PALAFOX; TERRA, 1998)

A assimilação do conhecimento, como uma totalidade complexa a ser aprendida na escola, deve ser favorecida pela produção de um saber e pela execução de um processo avaliativo que esteja ligado à perspectiva crítica da educação de forma que se destaque a participação dos alunos em contextos em que o professor possa atuar na qualidade de mediador, provocando desafios e reflexões. (PALAFOX; TERRA, 1998)

Esta questão é fundamental pois ela responde a duas grandes diretrizes traçadas, a liberdade e a autonomia, para a prática de uma educação que procura contribuir para a formação de cidadãos comprometidos ética, política e cientificamente com a construção do tipo de sociedade que almejamos. (PALAFOX; TERRA, 1998, p. 4)

O professor de Educação Física possui uma condição privilegiada quando se trata de avaliação por critérios informais, pois o interesse, a capacidade e o comportamento do aluno ficam muito evidentes quando estão na aula por causa dos seus conteúdos e estratégias. Por isso, esses critérios são utilizados na Educação física para a atribuição de conceito. Porém torna a avaliação “óbvia” ao aluno em que, este, não efetua uma reflexão crítica sobre os processos ocorridos na avaliação. (BETTI; ZULIANI, 2002)

Uma nova concepção de Educação Física, ligada ao conceito de cultura corporal de movimento, exige que haja uma melhora na qualidade dos procedimentos de avaliação.

Os processos avaliativos incluem aspectos informais e formais, concretizados em observação sistemática/assistemática e anotações sobre o interesse, participação e capacidade de cooperação do aluno, auto avaliação, trabalhos e provas escritas, testes para avaliação qualitativa e quantitativa de habilidades e capacidades físicas, resolução de situações problemáticas propostas pelo professor, elaboração e apresentação de coreografias de dança, exercícios ginásticos ou táticas de esportes coletivos, etc. Evidentemente, os instrumentos e exigências da avaliação deverão estar em sintonia com o nível de desenvolvimento dos alunos e o conteúdo efetivamente ministrado. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 79)

Com base em dados obtidos na observação sistemática das aulas de Educação Física, constata-se que a avaliação tem sido entendida e tratada, predominantemente, pelos professores e alunos para: “a) Atender exigência burocrática expressas em normas da escola; b) atender legislação vigente; e c) selecionar alunos para competições e apresentações tanto dentro da escola quanto com outras escolas. ”. Na maioria das vezes, é feita pela consideração da “presença” nas aulas, sendo o único critério para a aprovação e reprovação do aluno, reduzindo à medidas biométricas (peso, altura, etc.) assim como

de técnicas (“destrezas motoras”, “qualidades físicas”) ou então não é realizada. (SOARES *et. Al.*, 2012)

Muitas estratégias podem ser utilizadas na hora de avaliar o aluno, portanto:

Essas estratégias avaliativas estão de acordo tanto com os objetivos específicos (aprendizagem de habilidades motoras básicas e especializadas, jogos, etc.), como com a finalidade geral de integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir o jogo, o esporte, a dança e a ginástica em benefício de sua qualidade de vida. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 80)

Para Bratfische (2003) avaliar em Educação é reconhecer, diagnosticar, desenvolver e valorizar a expressão que cada um possui; a cultura própria e a manifestação de afetividade que serve de meio para a aprendizagem e formação integral do aluno.

O principal objetivo da avaliação é o diagnóstico, é detectar as dificuldades da aprendizagem e suas causas, e, quando bem compreendido, esse processo possibilita grandes ganhos à Educação e a aprendizagem do aluno se torna mais significativa. (BRATIFISCHE, 2003, p. 21).

Nas aulas de Educação Física deverão ser abordados temas transversais que tratem de ética, saúde, meio ambiente os quais, eventualmente, irão contribuir para sua evolução intelectual e para sua formação como cidadão. Santos e Maximiano (2013) explicam que a avaliação escolar não se resume apenas em conceder nota ou classificar o aluno, nem sequer se centraliza no aprendizado. Ela mostra pistas ao que está envolvido para que possa orientar suas ações a favor da formação. Dessa forma, o ensino e aprendizagem orientam a prática avaliativa em um movimento que reconhece a necessidade de se investigar a ação pedagógica dos docentes como os processos de aprendizado dos alunos. (SANTOS; MAXIMIANO, 2013)

Segundo Betti e Zulianni (2002), a Educação Física deve ter a responsabilidade de formar alunos que sejam capazes de se posicionar criticamente diante da cultura corporal do movimento e práticas alternativas. Porém, é preciso ter em mente que as escolas brasileiras não têm essa estrutura de clubes e academias, pois a sua função é outra.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das

ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. (BETTI; ZULLIANI, 2002, p.75).

A avaliação escolar deve servir para problematizar a ação pedagógica e não somente para conceituar o aluno. Segundo Lüdke & Mediano(1992), a avaliação implica em categorias de totalidade (processo de avaliação não deve ser isolado dos outros processos educativos); mediação (existe um processo mediador entre a conduta observada do aluno e o conceito que lhe é atribuído) e contradição (os processos de avaliação disponíveis são ainda pobres com relação às abordagens metodológicas mais atuais).

Lüdke & Mediano (1992) caracterizam duas concepções básicas da avaliação: a tradicional e progressista ou construtivista. Na concepção tradicional são transmitidos conhecimentos aos alunos que aprendem de forma passiva e a avaliação é feita por meio de uma prova que os atribui a uma nota “fria” em que é medida apenas as habilidades cognitivas. Já na concepção progressista, o professor realiza diagnósticos.

Assim, para Betti e Zulianni (2002), na atribuição de conceitos aos alunos, recomenda-se:

“• A avaliação deve ser contínua, compreendendo as fases que se convencionou denominar diagnóstica ou inicial, formativa e somativa.

- A avaliação deve englobar os domínios cognitivo, afetivo ou emocional, social e motor
- A avaliação deve referir-se às habilidades motoras básicas, ao jogo, esporte, dança, ginásticas e práticas de aptidão física.
- A avaliação deve referir-se à qualidade dos movimentos apresentados pelo aluno, e aos conhecimentos a ele relacionados.
- A avaliação deve referir-se aos conhecimentos científicos relacionados à prática das atividades corporais de movimento. • A avaliação deve levar em conta os objetivos específicos propostos pelo programa de ensino.
- A avaliação deve operacionalizar-se na aferição da capacidade do aluno expressar-se, pela linguagem escrita e falada, sobre a sistematização dos conhecimentos relativos à cultura corporal de movimento, e da sua capacidade de movimentar-se nas formas elaboradas por essa cultura. (BETTI & ZULLIANI; 2002, p.79)

## **2.2 Avaliação na educação física escolar: para além de uma visão instrumental**

Tendo como referência a formação de professores no Brasil, nota-se que a atividade avaliativa do desempenho escolar está limitada e isso vem de muito tempo. Sendo assim, o discente é avaliado por meio de valores e padrões pré-estabelecidos. Portanto, essa prática quando vista por uma concepção tecnicista de educação, é usada

como uma forma de distinção entre os melhores e os piores em referência aos erros (tidos como sinônimo de fracasso) e os acertos (PALLAFOX e TERRA; 1998).

A avaliação tradicional vem de uma concepção e formação de educadores. Segue, portanto, um modelo de ensino no qual é priorizado a memorização orientada, o famoso decorar, para que o aluno seja condicionado a um conhecimento pronto e acabado. Sendo assim, já que o processo histórico-social do método de conhecimento é colocado de lado, o professor aparece como o dono do saber (PALAFOX E TERRA; 1998)

No resultado dessa concepção e prática educativa podemos observar um tipo de relação ensino-aprendizagem envolvida pelo aluno:

(...) a obrigação de ser submetido à aceitação de conhecimentos e valores morais impostos pelo professor e pela escola, os quais se encontram vinculados a atitudes de obediência, passividade, não resistência. Anula-se com isto a possibilidade do exercício do diálogo e a reflexão crítica; o processo termina coibindo ou minimizando o ato de criar e construir o conhecimento, individual e coletivamente. (PALAFOX E TERRA; 1998, p. 2)

Em outro ponto de vista, pensar a avaliação em uma perspectiva crítica de educação:

Significa partir da análise crítica das formas convencionais como este processo tem sido pensado e aplicado na educação, baseando-se no pressuposto dialético de que as realidades, tanto naturais quanto sociais, longe de tenderem à estabilidade e a uma organização harmônica, são dinâmicas, instáveis e complexas. (PALAFOX E TERRA; 1998, p. 3).

Conforme a proposta curricular, a compreensão do conhecimento como uma totalidade dinâmica e complexa, em que deve ser aprendido no âmbito escolar, deve ser privilegiado pela produção de um saber e realização de um processo avaliativo que estejam ligados à perspectiva crítica da educação e que, assim, tenha a participação dos alunos em contextos em que o professor possa ser o mediador, gerando reflexões e desafios. Tal questão é fundamental porque responde à duas grandes diretrizes planejadas: liberdade e autonomia. (PALAFOX E TERRA, 1998).

Segundo Palafox e Terra (1998) ensinar e aprender com os alunos a descobrir e, exercitar a liberdade de escolha crítica e responsável, acarreta um processo progressivo de conquista de autonomia individual. Nesse contexto, a avaliação educativa passa a ser parte de um processo de interação social e de construção do conhecimento no qual dá valor ao fato de que erro faz parte do processo de ensino-aprendizagem e da conquista de novos níveis de conhecimento e atitude frente ao mundo.

A partir desse tipo de reflexão, busca-se estender nossas concepções e visões, analisando também as condições do ensino da Educação Física Escolar numa perspectiva crítica da educação. Sendo assim, Palafox e Terra (1998) dizem que:

“(…)de tal forma que possamos repensar seus objetivos e, a partir destes, diversificar os instrumentos e as formas de avaliar, procurando a cada etapa do processo ensino-aprendizagem diagnosticar o crescimento dos alunos e, por outro lado, estabelecer, para o professor, parâmetros que encaminhem o replanejamento constante de sua ação docente.” (PALAFOX E TERRA; 1998, p. 4)

Após um momento de reflexão e estudo dentro de uma perspectiva crítica, conclui-se que se deve avaliar: “necessidade de redefinir o que entendemos pelo termo e para tanto, após realizar uma revisão de literatura” e também: “1. se o sentido e significado filosófico e pedagógico do projeto curricular de ensino adotado está sendo bem conhecido, compreendido e, principalmente, aceito pelos professores em relação:

“1.1. à análise crítica que a proposta apresenta sobre a realidade concreta; 1.2. aos conceitos, concepções e princípios filosóficos e pedagógicos e; 1.3. aos conteúdos programáticos propostos. 2. os níveis de implementação e efetividade dos projetos político-pedagógico e financeiro da escola, incluindo as condições e necessidades materiais da área de Educação Física. 3. se a proposta curricular está atingindo as finalidades político-pedagógicas estabelecidas; 4. a validade, a viabilidade e a eficácia dos procedimentos e as dinâmicas de ensino criadas ou adotadas e aplicadas, de acordo com os princípios filosófico-pedagógicos da proposta curricular; 5. a relação professor de Educação Física-especialistas de ensino e administração da escola; 6. a postura político-pedagógica do professor de Educação Física frente a seus alunos no contexto ensino-aprendizagem, em termos de interação, comunicação e linguagem utilizadas; 7. a apreensão cognitiva dos conteúdos do programa por parte dos alunos; 8. o comportamento social dos alunos diante das finalidades e objetivos presentes na proposta curricular de ensino; 9. a presença ou a ausência do caráter lúdico, prazeroso, dialógico e crítico-reflexivo das aulas de Educação Física em todos os níveis de ensino, o que implica refletir sobre a postura, os conteúdos e as metodologias de ensino, empregados pelo professor em sala de aula.” (PALAFOX e TERRA; 1998, p. 6)

Dessa forma, podem ser traçadas algumas considerações metodológicas para definir os indicadores avaliativos que poderão ser usados na aula de Educação Física no Ensino Fundamental. Dentre elas:

Priorizar metodologias indutivas de aulas orientadas para o aluno, pois elas favorecem a prática da reflexão e das tomadas de decisão constante da turma e, portanto, a definição de escolhas

dentro de contextos em que cada aluno e o coletivo devem assumir criticamente a consequência de seus atos. (Palafox e Terra; p. 8).

Para Soares *et. Al.* (2012), a avaliação do processo de ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes e provas, levantar medidas, selecionar e classificar alunos.

(...) é necessário considerar que a avaliação do processo ensino aprendizagem está relacionada ao projeto político pedagógico da escola, está determinada também pelo processo de trabalho pedagógico, processo inter-relacionado dialeticamente com tudo que a escola assume, corporifica, modifica e reproduz e que é próprio do modo de produção da vida em uma sociedade capitalista, dependente e periférica. (Soares *et. Al.*; 2012, p. 96).

A partir daí, diz-se que formas de educação são decorrentes do modo como é produzida a existência humana. Portanto, tais teorias fundamentam procedimentos metodológicos no qual é destacada a prática avaliativa. Contudo, sem o reconhecimento dessas inter-relações dialéticas, a aquisição do conhecimento e a separação da teoria/prática em função das autorizações no processo de trabalho vêm com dificuldades de entender a avaliação como elemento metodológico complexo que faz parte da prática pedagógica do dia a dia dos professores e alunos. (SOARES *et. Al.*, 2012).

Luckesi (2005), em um estudo feito com crianças que haviam saído da quarta série um ano antes e ingressado para a quinta série no ano seguinte, a mudança foi muito significativa já que, no ano anterior, davam importância em como a atividade era atrativa e legal de participar. Já no ano seguinte, isso foi deixado de lado e o que realmente predominou foi a preocupação com as notas que lhes seriam aplicadas.

“Exatamente esta é questão que tenho exposto em escritos e em falas, sinalizando a diferença entre avaliar e examinar. Parece que ela tem sido compreendida conceitualmente, mas, de fato, não tem gerado condutas novas entre os educadores.” (Luckesi, 2005, p. 1)

Ao contrário de examinar, avaliar tem a função de investigar e saber a qualidade do desempenho do estudante, sabendo resultar em uma intervenção que haja uma melhora nos resultados caso isso seja necessário. Portanto, essa seria a avaliação diagnóstica. Essa avaliação investiga o desempenho dos alunos e gera um conhecimento da aprendizagem dos mesmos, tendo em vista a importância tanto ao que aprendeu tanto ao que ele não aprendeu. (LUCKESI, 2005).

Luckesi (2005) aponta que a pedagogia que sustenta o exame se contenta apenas com a classificação. Já a pedagogia que sustenta o ato de avaliar não irá se contentar com qualquer resultado. Então, somente aquele que for satisfatório. E, além disso, diz que a responsabilidade pelo resultado insatisfatório não recai somente sobre o educando investigando suas causas. “O ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções.” (LUCKESI, 2005).

Para o professor atuar centrado na avaliação precisa ver o educando como um ser em movimento, em processo de formação e agir de maneira coerente a partir dessa concepção. (LUCKESI, 2005).

No que se refere à avaliação da aprendizagem, acredito que já estamos passando da hora de transformar conceitos em práticas. A avaliação da aprendizagem exige a apropriação dos conceitos de forma encarnada, traduzidos no cotidiano das nossas salas de aulas. Não bastam somente bons discursos, importam boas ações baseadas em conceitos adequados. (LUCKESI, 2005, p.4)

Uma negligência grave segundo Soares *et. Al.*(2012), sobre a avaliação, é a reflexão do respeito que ela assume enquanto elemento que se constitui de um projeto pedagógico e isso ser simplesmente desconsiderado. Na escola, essa função tem servido para que o aluno seja selecionado, separado, eliminado tanto da sua equipe ou para apresentação ou para o mercado de trabalho.

Essa perspectiva limitada do sentido e da finalidade da avaliação pode, ainda, ser exemplificada nas consequências pedagógicas quando a referência para avaliação é a aptidão física, e os critérios decorrem do sistema esportivo de auto rendimento. (Soares *et. Al.*,2012, p. 97)

Em outras matérias e atividades na escola não se considera que as crianças e adolescentes cheguem nela determinados pelas suas condições de classe definidos, por ela, em seu corpo e em suas possibilidades corporais. Desconsiderando essas condições, as crianças passam a ser “igualadas”. (SOARES *et. Al.*, 2012).

Com isso, é utilizado o princípio do Rendimento Olímpico que é o mais alto, mais forte e mais veloz, absorvendo o caráter de classe por meio de medidas e avaliações que comprovam as seleções, classificações, eliminações realizadas formal ou informalmente durante as aulas de Educação Física. (SOARES *et. Al.*,2012).

### **3. RELAÇÕES ENTRE CONCEPÇÃO DE ENSINO E AVALIAÇÃO.**

Na realização do estudo de caso foi preciso a participação de alguns professores de Educação física do Município de Corumbá, MS, para que pudéssemos interrogá-los de acordo com o que trata nossa investigação.

Neste capítulo será abordada a metodologia citada e aplicada por cada professor e as relações entre a concepção de ensino do professor e avaliação realizada. Além disso, faremos a relação entre a fala dos autores e da fala nas respostas dos professores.

#### **3.1 – Caracterização das escolas e professores**

Como já anunciado, esta pesquisa foi realizada em duas Escolas do Município de Corumbá, MS, uma da rede privada e outra da rede estadual de ensino.

A escola “A”, da rede privada de ensino, está situada na área central da cidade e recebe alunos com poder aquisitivo maior. A escola é uma instituição com um número de alunos reduzidos em relação às outras da cidade, possuindo uma sala para cada ano/série. Possui uma quadra coberta em que é utilizada na aula de Educação Física por todas as turmas e cada um em seu horário específico. Não há outro espaço a ser utilizado pelos alunos nas aulas além da quadra. A professora entrevistada é recém formada em Educação Física por uma Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul.

Ainda na escola A, as aulas de Educação Física são realizadas duas vezes por semana para o ensino fundamental I e II e uma vez por semana para o ensino médio. Durante as observações destas aulas, percebemos que os alunos gostam muito da disciplina de Educação Física, principalmente, quando as aulas envolvem atividades esportivas (vôlei – meninas e futebol – meninos). Ao realizar as aulas em sala de aula, era perceptível a insatisfação dos alunos que, muitas vezes, solicitavam à professora para irem à quadra. A professora contornou essa dificuldade por meio de um estabelecimento de combinados: metade da aula deveria ser realizada em sala e a outra metade na quadra. Cumpre destacar que, nem sempre, houve relação entre o conteúdo desenvolvido em sala de aula com aquele desenvolvido na quadra (algumas vezes a professora deixava os alunos escolherem o que queriam praticar).

Por se tratar de uma escola privada, o professor segue determinações oriundas da direção. Neste caso, foi determinado que a disciplina de educação física não deveria

aplicar provas escritas, levando a professora a adotar outras estratégias de avaliação como, por exemplo, seminários, resenhas, atividades em sala, dentre outras.

A escola B pertence à rede pública de ensino e também está situada na área central da cidade. Entretanto, é frequentada por alunos de poder aquisitivo menor, comparados aos alunos da escola A. Nessa escola, a pesquisa foi realizada com dois professores em que a Professora Y leciona no Ensino Fundamental II e o Professor Z leciona no Ensino Médio.

Nesta escola, ao contrário da que citamos anteriormente, tem um número significativo de alunos. Um dos exemplos é o 1º ano do Ensino Médio, que obtém seis salas. Nela possui três pátios, uma sala de judô com tatame e uma quadra poliesportiva. Considera-se que os professores utilizam bastante cada um desses espaços oferecidos pela escola. A professora Y e o professor Z são formados por uma Universidade do Estado de Goiás. Após a conclusão da graduação, fizeram o concurso do Estado de MS e foram aprovados em setembro de 2013 e, assim, lecionando em uma escola de Corumbá.

Os professores dessa escola, assim como a professora da escola A, encontraram barreiras no momento de ministrar suas aulas em sala. Muitos dos alunos, praticamente a maioria, manifestaram-se interessados apenas nas aulas realizadas em quadra, principalmente, quando estas atividades envolviam a livre escolha do conteúdo. Por isso, os professores também firmaram contratos de convivência com os alunos para que pudessem ministrar a aula em sala e na quadra. Diferentemente da escola A, os professores da escola B, combinaram que desenvolveriam o conteúdo proposto seja ele na sala ou na quadra e que, ao final de cada aula, aproximadamente 10 minutos, destinariam para atender os anseios dos alunos.

Em conversa com os docentes dessa escola percebi que, ao contrário da professora X da Escola A, eles têm autonomia para escolher a avaliação e os critérios adotados. Entretanto, nenhum dos dois adotam a avaliação escrita seja por entenderem que a avaliação deve envolver uma diversidade de estratégias ou porque é a maneira mais apropriada para avaliar alunos nessa faixa etária.

### **3.2 – Metodologia aplicada pelos professores**

A relação entre forma e conteúdo nem sempre são consideradas com a mesma importância. Ao considerarmos a prática pedagógica, não há como desconsiderar a forma como ela é realizada. Isso implica na preocupação que devemos ter com as estratégias de

ensino adotadas pelo professor já que ela também demanda determinados conteúdos e determinadas ações que, se não considerada a relação dialética entre forma e conteúdo, podem se opor.

Quando questionamos sobre a metodologia adotada, a resposta foi quase a mesma entre os entrevistados: adotavam práticas que não se adequavam especificamente em uma ou outra estratégia metodológica. Chama a atenção, nessa ótica, a resposta de uma das entrevistadas que diz utilizar a práxis como metodologia:

Eu tentei, quando entrei aqui na escola, trabalhar com a práxis, mas não funcionou. Então, a metodologia que eu uso é uma abordagem teórica inicialmente para esclarecer o assunto que vamos trabalhar, não gerar muitas dúvidas e aí a gente vai para uma abordagem prática com vivências corporais. Dentro da abordagem prática, eu posso trabalhar com a práxis porque ele já tem um esclarecimento daquele conteúdo (ENTREVISTADO Z).

Ainda que a práxis não seja considerada uma metodologia de ensino, é interessante notarmos que o professor mostra preocupação com a relação entre teoria e prática como atividades imbricadas e inseparáveis. Por outro lado, a dificuldade de manter uma relação dessa natureza, ainda que seja impossível pensarmos separadamente a teoria da prática, levou o professor a desistir e passar a trabalhar com o que ele chamou de um momento teórico e outro prático. (ALMEIDA; OLIVEIRA E ARNONI; 2007)

De acordo com Almeida, Oliveira e Arnoni (2007), nota-se que aplicar a teoria em sala de aula é algo muito complexo, principalmente, por tratar-se da relação de polos “diferentes” que são a teoria e a prática, envolvendo o processo de ensino aprendizagem. Podemos entender a aula como um complexo de muitas relações que buscam uma forma de articular a teoria com a prática intencionalmente. Por ser tratar de uma prática pensada, a aula está situada em uma das modalidades de práxis: prática educativa.

Conhecer essa proposição possibilita que o professor tome para si a opção metodológica de como trabalhar o conteúdo de sua disciplina, explicitando a intencionalidade da sua prática educativa para preparar, desenvolver e avaliar sua aula sob um “olhar teórico”, selecionando os procedimentos didáticos e avaliando tanto o processo de ensino (professor) como o de aprendizagem (aluno). (ALMEIDA; OLIVEIRA; ARNONI, 2007, p. 120-121.)

No entanto, ao levarmos em consideração as opções metodológicas do docente que são fundamentais para o desenvolvimento da aula, podemos compreender como um

espaço essencial para se trabalhar conteúdos científicos das diferentes áreas do saber no qual todos devem ter acesso, especialmente os alunos.

Ao ser inserida a dimensão teórico-metodológica da “mediação dialética” na discussão da aula, encontra-se um desafio que é dado ao docente ao possibilitar-lhe uma mudança conceitual, propondo, a este, a aula como totalidade dinâmica, processual e complexa produzida por relações divergentes que necessitam ser estudadas e entendidas sob a perspectiva dialética para que consigam ser superadas na direção de uma aula crítica.

A prática educativa é o trabalho pedagógico produzido pelo professor e envolve o processo de ensino em que sua intenção é influenciar o método de aprendizagem desenvolvido pelo aluno, sendo a relação entre o processo de ensino e o da aprendizagem. (ALMEIDA, OLIVEIRA E ARNONI, 2007)

Nessa concepção a prática educativa constitui um processo consistente, deliberado e sistemático, pelo qual se trabalha o saber cultural produzido historicamente por intermédio da relação pedagógica. A intencionalidade da prática educativa consiste em ensinar os bens culturais produzidos pelo gênero humano, para que o aluno sujeito da aprendizagem, tenha uma concepção de ambiente menos imediata, e portanto mais articulada, podendo, assim, agir criticamente, e não de forma alienada. (ALMEIDA, OLIVEIRA E ARNONI, 2007, p. 125)

A práxis é tratada, portanto, como um conceito filosófico da atividade teórico-prática do ser humano em sociedade. Devido a motivos didáticos que se referem à área da educação, em geral, será utilizada a expressão práxis educacional. Já para a ação do professor, será utilizada a expressão prática educativa. Desse modo, é possível compreender quão complexas são as relações que se estabelecem dentro das práticas educativas. (ALMEIDA; OLIVEIRA e ARNONI, 2007)

Pensar a aula numa perspectiva dialética implica a compreensão como práxis, a prática educativa, explicando que a ação de pensar a prática não deve ser feita somente no decorrer do desenvolvimento da própria ação prática. Esse entendimento equivocado tem causado diferentes reações no professor desde ele se recusar a realizar tal tarefa, até fazê-la por meio de um relato de aula, apontando as atividades que foram realizadas ou o comportamento dos alunos em que as duas situações citadas são inadequadas para a educação.

Para o professor “pensar a aula durante seu desenvolvimento” é necessário que ele estabeleça, de forma consciente, a relação entre a prática que está desenvolvendo e a teoria selecionada para orientar essa prática, caracterizando a práxis. O desenvolvimento da práxis exige a

seleção de formas de se relacionar a teoria e a prática que precisam ser planejadas a priori, por tratar-se de uma ação intencional. Essa asserção assegura ao professor a possibilidade de ele planejar uma prática educativa que articule conscientemente a teoria e a prática, dois pólos contraditórios que estabelecem uma relação de tensão entre si. (ALMEIDA, OLIVEIRA E ARNONI; 2007, p. 127 e 128).

Nesse caso, o conteúdo se torna ensinável por ser vinculado à organização metodológica do processo de ensino, permitindo ao professor, num primeiro momento, entender as contradições entre o conhecimento de referência e o saber do aluno e num, segundo momento, transformar em problematização, sendo a atividade que explica ao discente as contradições.

Segundo Almeida, Oliveira e Arnoni (2007), a metodologia possui uma postura, um enfrentamento da realidade na busca de compreendê-la em sua totalidade. A questão metodológica é apresentada de forma mais complexa do que aparenta ser e é revestida de significado político por elaborar a articulação de uma teoria de entendimento da realidade com uma prática específica, levando em conta o contexto histórico e social que as gerou. A professora Z, quando questionada sobre a metodologia utilizada, disse que utiliza a metodologia crítico-superadora. Nas observações realizadas, percebemos uma grande preocupação da professora com a formação por meio dos conteúdos. Havia um primeiro momento em que se desenvolvia a aproximação ao conteúdo em sala que até poderíamos classificar como parte da problematização. Em seguida, levava os alunos para a quadra e apresentava sua proposta de conteúdo. Quando não havia entendimento do conteúdo por parte dos alunos, ela retornava à sala para maiores explicações. Essa estratégia pode ser considerada como parte da instrumentalização e catarse já que os alunos diziam o que aprenderam e apontavam as dúvidas que ainda permaneceram.

A metodologia crítico-superadora apresenta a educação física como disciplina que visa a discussão sobre os elementos da cultura corporal. Sua origem se dá na filosofia com o método materialista histórico-dialético e, na educação, com a pedagogia histórico-crítica.

Para Saviani (2012), a tarefa da construção de uma pedagogia inspirada a partir do marxismo acarreta na assimilação da concepção de ordem ontológica, epistemológica e metodológica que caracteriza o materialismo histórico. Persuadido dessa concepção, trata-se de entrar no interior dos processos pedagógicos e, dessa forma, reconstruindo suas características objetivas e elaborando as diretrizes pedagógicas que vão possibilitar a

reorganização do trabalho educativo conforme os aspectos das finalidades e objetivos da educação, dos agentes educativos, das instituições formadoras, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógico-didáticos voltados à construção de uma nova sociedade e uma nova cultura.

(...) a pedagogia histórico-crítica procurou construir uma metodologia que, encarnando a natureza da educação como uma atividade mediadora no seio da prática social global, tem como ponto de partida e ponto de chegada a própria prática social. O trabalho pedagógico se configura, pois, como um processo de mediação que permite a passagem dos educandos de uma inserção acrítica e inintencional no âmbito da sociedade a uma inserção crítica e intencional. A referida mediação se objetiviza nos momentos intermediários do método, a saber: problematização, que implica a tomada de consciência dos problemas enfrentados na prática social; instrumentalização, pela qual os educandos se apropriam dos instrumentos teóricos e práticos necessários para a compreensão e solução dos problemas detectados; e catarse, isto é, a incorporação na própria vida dos alunos dos elementos constitutivos do trabalho pedagógico (SAVIANI; 2012, p.8 - 9).

Com isso, é possível a igualdade do que se deu com a pedagogia tradicional e nova fazer uma estrutura em cinco passos da metodologia da pedagogia histórico-crítica. O primeiro passo metodológico da pedagogia histórico-crítica não se trata da preparação dos alunos cuja iniciativa é do docente (pedagogia tradicional) nem a atividade de iniciativa dos discentes (pedagogia nova) e, sim, a prática social comum tanto para professor quanto para aluno. Contudo, essa prática comum é vivenciada de forma diferente para ambos. O professor terá uma visão sucinta da prática social. Já os alunos terão uma compreensão de forma sincrética. (SAVIANI, 2012).

O segundo passo:

(...) não é a apresentação de novos conhecimentos por parte do professor (pedagogia tradicional), nem o problema como um obstáculo que interrompe a atividade dos alunos (pedagogia nova), mas é a problematização, isto é, o ato de detectar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e como a educação poderá encaminhar as devidas soluções. (SAVIANI; 2012, p. 9)

Com isso, o terceiro passo:

(...) não se identifica com a assimilação de conteúdos transmitidos pelo professor por comparação com conhecimentos anteriores (pedagogia tradicional), nem com a coleta de dados (pedagogia nova), mas se trata, nesse momento, da instrumentalização, entendida como a apropriação

dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. (SAVIANI; 2012, p. 9)

Tendo em posse os instrumentos teóricos e práticos, chega-se no momento da expressão composta na forma de entendimento da prática social a que ergueu. No entanto, o quarto passo não se trata da generalização (pedagogia tradicional) nem de hipótese (pedagogia nova). O quarto momento é chamado de catarse. Este, é o ponto máximo do processo pedagógico quando acontece a incorporação dos instrumentos culturais, sendo transformados em elementos ativos de transformação social. (SAVIANI, 2012).

O último passo, por fim, não se baseia na aplicação dos conhecimentos assimilados (pedagogia tradicional) nem na experimentação como teste da hipótese (pedagogia nova).

O quinto passo, isto é, o ponto de chegada é a própria *prática social*, compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos. Nesse momento, ao mesmo tempo em que os alunos ascendem ao nível sintético em que já se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna cada vez mais orgânica. (SAVIANI, 2012, p. 9).

Conclui-se que, pela mediação do trabalho pedagógico, do entendimento e a vivência da prática social, passam por uma alteração qualitativa. A partir disso, nos permite ver que a prática social do primeiro passo da relação educativa, em confronto com a prática social do último passo, é e não é a mesma. Ela é a mesma, pois é a própria que constitui o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica ao mesmo tempo. Porém, não é a mesma se considerarmos o “modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica”.

A professora X, quando questionada sobre a metodologia utilizada, disse não saber ao certo qual utiliza. Ela diz que mesmo sem saber ao certo a estratégia que adota procura seguir uma rotina: um primeiro momento, na sala de aula, relembra regras de respeito a serem aplicadas dentro de quadra. Após isso, passa a apresentar o que chama de “parte teórica” para finalmente levar os alunos à quadra na qual executam as atividades relacionadas ao conteúdo dado em sala.

Eu já estudei todas as metodologias. Como sou recém-formada em Educação Física, então, estudei. Mas eu não consigo dizer qual a metodologia que eu uso. Se é crítico-superadora, crítico-emancipatória etc. Mas eu sempre uso a mesma coisa que é: eu falo com eles na sala,

não em todas as aulas, mas na maioria eu relembro as regras que já colocamos no começo. Geralmente são regras de respeito aplicadas dentro de quadra. Após isso, passo uma parte teórica e depois levo para a quadra e lá fazemos alguma atividade relacionada ao conteúdo (PROFESSORA X).

A referida professora cita, ainda, o conteúdo trabalhado atualmente e as dificuldades que encontra para relacioná-lo com à prática. “Nutrição ainda é um pouco mais difícil de relacionar. Então, o que fiz foi um circuito. Pedi para eles trazerem embalagens de diferentes tipos de alimentos de algumas categorias que passei. Então, foram essas as partes práticas” (PROFESSORA X).

Fica evidente na concepção da professora que os momentos entre teoria e prática são distintos. Como já apresentamos, a práxis é uma categoria fundamental que expressa a indissociabilidade entre teoria e prática. Quando se trabalha com a nutrição, por exemplo, não é necessário que isso seja aplicado a uma atividade com características práticas para que a relação seja estabelecida. O conteúdo, em si, tem elementos que proporcionam uma reflexão prática com implicações igualmente práticas para a vida dos sujeito como, por exemplo, a adoção de uma nova forma de se alimentar.

Finalmente, a professora X revela que o trabalho com o Ensino Médio é diferenciado. Justifica que, pelas poucas aulas que ministra nesse nível de ensino, acaba deixando-os livres para escolher o conteúdo. Vale lembrar que os pressupostos metodológicos possuem intencionalidade. Deveriam, portanto, estar relacionados à concepção de ensino e de avaliação adotados pelo professor. Quando não se tem claro as relações entre a forma e conteúdo, ou seja, entre metodologia e concepção de ensino, tais práticas realmente ficam esvaziadas de sentido e intencionalidade, cabendo a adoção de estratégias ora diretivas ora espontaneístas.

Todo procedimento de avaliação pressupõe a escolha de critérios para definir como será aplicado, de que forma se dará a participação dos sujeitos da avaliação e quais serão os critérios de classificação e julgamento. Todos esses critérios têm como referencial as visões de homem, de mundo e de sociedade, que foram construídos pelo professor e denotam, em última instância, sua concepção, nível de compromisso e postura ético-política no contexto escolar (PALAFOX e TERRA, 1998, p. 29)

No tópico seguinte, vamos apresentar qual a visão dos sujeitos sobre a relação entre concepção de mundo e de ensino com a avaliação. Como é possível perceber, em

Palafox e Terra (1998), há uma relação fundamental para transformarmos nossa prática de forma crítica e consciente.

### **3.3 - Relações entre a concepção de ensino do professor e avaliação realizada**

Como já mencionamos anteriormente, o ensino possui objetivo, ou seja, tem uma intencionalidade. Para o Soares *et. Al.* (1992), a educação física deve partir de três princípios: judicativa, teleológica e diagnóstica. Em outros termos, a educação física, enquanto área que trabalha com a cultura corporal, apresenta juízo de valor, possui intencionalidade e busca estabelecer uma melhor compreensão da realidade social, política e econômica. Ao perguntarmos sobre os objetivos de ensino, gostaríamos de perceber que os aspectos teórico-práticos têm conduzido as atividades dos professores. Entretanto, o que observamos é a confusão existente entre a definição de objetivos de ensino com objetivos da aula em si.

O meu objetivo é que eles avancem o mínimo que eu puder passar pra eles. Quando cheguei aqui nessa escola, a Educação Física era rolar bola e ao, trazer um conteúdo diferente, tive uma rejeição muito grande de todas as turmas. Então, fui colocando um pouco do conteúdo que trabalhava e um pouco de bola. O meu objetivo é que, o máximo que eu puder avançar com o conteúdo e fazer com que eles entendam ou que eles criem uma forma de pensar sobre o assunto, é o meu foco principal. Então, o meu objetivo é esse: fazer com que eles avancem a partir das possibilidades. Se as minhas possibilidades são essas atuais, avançarei gradualmente nelas e não forçar algo, pois já percebi que não dá para trabalhar como é proposto na faculdade. É muito difícil na realidade que a gente tem hoje. Você tem de criar meios (PROFESSORA Y).

Ainda que a preocupação da professora Y seja legítima e importante, demonstra a dificuldade de compreender o ensino como atividade teleológica com objetivos definidos a partir de uma visão de mundo e, conseqüentemente, de uma concepção de ensino. A avaliação, quando realizada de forma mecânica, sem as relações necessárias, acaba perdendo sobre si mesma. Em outros termos, não é apenas avaliar a partir de um sistema de notas, mas procurar compreender no que essa adoção implica sobre o futuro de nossos alunos.

Palafox e Terra (1998) pensam a avaliação numa perspectiva atual de educação, tornando-a praticamente impossível, pois a avaliação escolar está associada a um sistema de notas que lhe dá significado e sentido. No caso de retirar o sistema de notas, para muitos, seria a perda da “identidade” da avaliação escolar, pois se acredita que lidar com

o conhecimento escolar é o mesmo que exigir dos alunos um determinado padrão de conhecimento.

Santos e Maximiano (2013) relatam que a avaliação escolar não se resume apenas em conceder nota ou classificar o aluno e que, portanto, vai muito além disso.

A professora Y reafirma a necessidade de ampliarmos a visão sobre a avaliação em que considera muito restrita a aplicação de uma prova que vise mensurar o quanto o aluno aprendeu. Como podemos perceber em sua fala, cita-se a questão da nota que os professores precisam “dar” para os alunos:

Avaliação é algo bem complicado porque a forma como a educação pede para avaliarmos é um tanto superficial. Tem que dar uma nota. Como é que eu vou dar uma nota para o conhecimento de um aluno? Tem tanta coisa que ele traz e que ele avança, mas não chega ao padrão que é estipulado. Então avaliar é bem complicado (PROFESSORA Y).

Sobre a mesma questão, percepção/concepção sobre a avaliação, a professora X apresenta um grave problema: o direcionamento que é obrigada a seguir na escola que trabalha. Diferentemente da professora Y, que trabalha na rede pública de ensino, a professora X trabalha em uma escola privada e lá há uma determinação: para as disciplinas de Ensino Religioso, Inglês e Educação Física, não serão aplicadas provas escritas. Não que as provas escritas sejam a melhor forma, nem a pior, mas nos preocupa a intervenção sobre a autonomia do professor que não pode definir as estratégias de avaliação que julgar mais adequadas.

Eu cheguei aqui e já disseram que Educação Física não tinha prova, pois eles tratam como uma matéria especial bem como Religião e Inglês. Educação Física está entre essas três matérias especiais. Os meios de avaliar que eu coloquei para a minha matéria foram os seminários, também uma atividade de resenha com textos de apoio misturado com discussão e uma parte de diário e embalagem já que o bimestre inteiro

foi nutrição, sendo uma forma que consegui de avaliar. Não acho que a avaliação sempre é justa até porque uma nota em grupo talvez não dê para enxergar quem realmente participou e quem realmente aprendeu (PROFESSORA X).

Percebemos, em sua fala, que as formas restantes para avaliar os alunos, como a própria diz, nem sempre são justas, pois no caso do seminário não tem como saber quem realmente participou ou quem aprendeu o conteúdo e quem não.

A professora Y apresenta uma concepção de avaliação bem mais ampla, envolvendo tal prática para redirecionar sua prática, observar os erros e acertos para elaborar novos encaminhamentos. Isso significa que sua compreensão não é de avaliação apenas do aluno, mas sua também como um processo catártico.

Avaliamos para saber a forma como estamos trabalhando o conteúdo, trabalhando o assunto e se ele está seguindo uma direção legal ou não, sendo aproveitado pelo aluno, se está conseguindo compreender ou se é necessário repensarmos a forma que está sendo trabalhado e, assim, tentar melhorar esse entendimento e o índice da avaliação dele também (PROFESSORA Y)

A professora X aponta, ainda, para o papel que a escola deve assumir:

A escola deve proporcionar ao aluno esse tipo de aprendizado de forma integral, pois o professor não consegue fazer isso sozinho. Não fará atividades fora de sala em que, às vezes, a própria escola coloca um parâmetro, ou nas reuniões de professores e coordenadores que dizem o que nós devemos trabalhar e, em certos momentos, o que falam sobre como devemos trabalhar, não condizer com seu conceito de Educação Física; conceito de algum conteúdo que compõe a Educação Física. Então, o papel da escola na verdade é apoiar o professor e fazer essa mediação entre a matéria, os conceitos (conteúdos) e os alunos (PROFESSORA X).

Percebemos essa compreensão sobre o papel da escola como avançada porque aponta o que realmente é essencial na escola, formação de conceitos, com o que é accidental. Ainda sobre o papel da escola, o professor Z mostra como pode ser contraditória sua função: a educação diferenciada para os pobres e para os ricos.

A escola tem um papel importante porque ela é legitimada como um aval de disseminação do conhecimento humano adquirido e historicamente produzido. Mas, sinceramente, para mim, a escola tem um papel de perpetuar a forma de estrutura social que a gente tem. Continua mantendo, no caso da escola pública, os filhos dos trabalhadores ocupados com um ensino que não evolui enquanto que, na escola particular, a tendência é sempre evoluir o ensino para que os filhos da classe dominante tenham o melhor produzido pela humanidade (PROFESSOR Z)

O professor Z que leciona em escola da rede pública de ensino, disse também não utilizar provas com seus alunos, mas trabalhos escritos no caderno. Segundo ele, esta seria uma maneira de ‘forçar’ o aluno a aprender o conteúdo passado em sala e também é um critério formal exigido pela coordenação.

Aqui, já passamos por vários critérios desde que começou e o que está dando mais certo é forçar com que os alunos escrevam. Nós forçamos

o uso do caderno, pois se torna um critério formal que a coordenação exige. Outro critério, é observar aluno por aluno dentro daquilo que ele era no começo de cada conteúdo e ao que ele pode entender e produzir ao longo do processo. É um critério de observação individual de cada aluno. Por fim, o critério de avaliação da turma como um todo é a coletiva, ou seja, como aquela turma desenvolve de acordo com o conteúdo que estamos trabalhando (PROFESSOR Z).

Como podemos observar, os critérios utilizados ora apresentam certa objetividade ora são bastante subjetivos.

Outra estratégia avaliativa adotada pelos professores é a observação do aluno no início de cada conteúdo e o que ele entende e produz ao longo do processo. Em seguida, e, por fim, é feita a observação da turma como um todo. Sendo assim, uma avaliação coletiva dos discentes.

A assimilação do conhecimento, segundo Palafox e Terra (1998), como uma totalidade complexa a ser aprendida na escola, deve ser favorecida pela produção de um saber e pela execução de um processo avaliativo que esteja ligado à perspectiva crítica da educação de forma que se destaque a participação dos alunos em contextos em que o professor possa atuar na qualidade de mediador, provocando desafios e reflexões.

Para Soares, *et. Al.* (2012), a avaliação, na maioria das vezes, é feita pela consideração da “presença” nas aulas como o único critério para a aprovação e reprovação do aluno, reduzindo-se à medidas biométricas (peso, altura, etc.) assim como de técnicas (“destrezas motoras”, “qualidades físicas”) ou então não é realizada. No entanto, nenhum dos professores entrevistados citou a questão da frequência como sendo um critério de avaliação utilizado por eles até porque na escola da Rede Pública seria um problema, pois são raros os alunos que frequentam as aulas todos os dias.

Segundo Bratfische (2003), o principal objetivo da avaliação é o diagnóstico. Ao detectar as dificuldades da aprendizagem e suas causas e, quando bem compreendido, esse processo dá a possibilidade de grandes ganhos à educação e a aprendizagem do aluno permanece mais significativa. (BRATIFISCHE, 2003, p. 21)

No entanto, a professora X diz que a sua forma de avaliação ainda não é completa:

Avaliar é preciso para ter a nota no final, mas creio que, da forma que é hoje ainda e da forma que eu faço, não é a completa para saber se o aluno evoluiu alguma coisa, se aprendeu e o que acumulou para poder usar isso depois (PROFESSORA X).

Como avaliar sem ter como horizonte e finalidade a compreensão do que o aluno apreendeu desse processo? A afirmação da professora X revela a importância da

compreensão que devemos ter do processo avaliativo em sua totalidade. Como temos defendido neste trabalho, não se trata de uma prática isolada do contexto mais geral. A avaliação deve constituir e ser constituída no fazer pedagógico do professor.

A professora Y nos mostra:

Avaliar é pegar todo desenvolvimento do aluno, perceber o que ele tem previamente sobre o assunto, o que conhece sobre aquele assunto e ver o progresso dele, o que conseguiu captar das suas aulas e do conteúdo trabalhado. Avaliar é, assim, o ponto de partida até onde ele conseguiu evoluir naquele curto espaço de tempo que você teve para trabalhar (PROFESSORA Y).

No decorrer de sua fala, podemos ver que ela faz esse diagnóstico, citado por Bratfische (2003), detectando o que os alunos já sabem, o que já conhecem e, assim, captar o progresso sobre determinado conteúdo.

O professor Z também se apropria dessa colocação quando diz que:

Avaliar é bem importante, pois tudo que fazemos é uma ação planejada. Precisamos reavaliar os passos dessa ação para traçar novas ações. A avaliação, para mim, é uma parte do processo do ensino aprendido em que vou observar se o meu aluno está aprendendo, se realmente o que eu estou passando e a forma em que eu estou passando está funcionando e, então melhorar a abordagem ou avançar o conteúdo, caso ele já tenha aprendido (PROFESSOR Z).

No entanto, Luckesi (2005), em um estudo feito com crianças que haviam saído da quarta série um ano antes, e ingressado para a quinta série no ano seguinte, trouxe uma mudança muito significativa já que, no ano anterior, elas davam importância em como a atividade era atrativa e legal de participar. Já no ano seguinte, isso foi deixado de lado e o que realmente predominou foi a preocupação com as notas que lhes seriam aplicadas. Ao analisarmos a colocação de Luckesi (2005), percebemos que ultimamente alguns alunos se importam principalmente com a nota que lhes será dada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do nosso estudo de caso percebemos que os professores, em ambas redes de ensino, tiveram dificuldades ao relacionar seus objetivos de ensino com os critérios de avaliações e de assimilarem objetivos de ensino com objetivos da sua própria aula. No entanto, cada um deles adquiriu uma forma para avaliar seus alunos. Os conceitos de avaliação são complexos na visão dos educadores para atribuir uma nota ao aluno e que, dessa forma, não possuem o hábito de aplicar provas escritas.

A professora X, da escola particular, não utiliza o critério da prova escrita pelo motivo da instituição tratar a disciplina de Educação Física como uma matéria especial, ou seja, houve a necessidade de aderir a outros meios de avaliação como, por exemplo, seminário e resenha. Quando relacionada a avaliação em sua metodologia, a docente não soube definir, pelas razões de ser recém-formada e pela falta de experiência, mas ministra as aulas com um conceito teórico-prático.

A professora Y, da rede pública, ressalta que a prova escrita minimiza a maneira de avaliar o conhecimento dos seus alunos, sendo que a rede de ensino cogita a avaliação em números de aprovação, ou seja, para a mesma, esta forma superficial impossibilita perceber se o aluno realmente assimilou o conteúdo. Então, para avaliar seus alunos, a docente utiliza de outros recursos como, por exemplo, portfólio, seminário, trabalho escrito em grupos e apresentações em quadra, acreditando que, dessa forma, a avaliação passa a ser mais dinâmica. Em sua metodologia, utilizando a crítico-superadora, a educadora manuseia a aula de forma prático-teórico-prático em que desenvolve juntamente com os alunos o aperfeiçoamento cognitivo-motor, buscando a experiência do aluno e a partir desse ponto prosseguir com o conteúdo teórico e prático.

O professor Z também trabalha na mesma escola pública que a professora Y e, como dito anteriormente, não utiliza as provas escritas como critério de avaliação, acreditando ser um meio entediante ao aluno. Os critérios de avaliações são divididos em duas partes: a observação e o uso do material didático (caderno). O sistema de observação, realizado em duas partes, possibilita a observação individual do aluno, em que assimila o conteúdo com seu aprendizado, e a observação em grupo e é estabelecido uma nota pela classe. O uso do material didático, caderno, auxilia os alunos para melhor fixação do conteúdo teórico e também para gerar um material concreto para a coordenação pedagógica da escola, de acordo com a fala do docente. Em sua metodologia, o educador

relaciona uma abordagem teórica no início de um conteúdo e, em seguida, uma abordagem prática com vivências corporais.

Nos casos citados acima, percebemos uma preocupação com o papel da Educação Escolar e observamos que, além dos professores estarem desorientados, a escola, por sua vez, como instituição, inibe a atuação do docente em sua sala de aula. Nessas situações, as aulas de Educação Física são reduzidas; não se aplicam provas escritas ou o docente adota uma nota concreta à escola. Os alunos, por sua vez, são os prejudicados pelo sistema de ensino em ambas as redes que visa, na maioria das vezes, os números em que a escola tem a oferecer. Porém, o cuidado com a qualidade de ensino acaba esquecida em segundo plano. Os professores mostraram-se, em algumas situações, de mãos atadas e, mesmo assim, tentaram adotar novos conceitos de avaliação e metodologia mais dinâmicos para que os alunos não sejam tão prejudicados. O resultado mostra que o papel da Educação Física Escolar enfraquece com o tempo em algumas unidades escolares, principalmente, em ensino privado, no qual o educador fica desorientado. Portanto, por meio das leituras, podemos concluir que a avaliação, para ser realizada de maneira correta, precisa estar relacionada aos objetivos de ensino à metodologia aplicada, pois se tratada de forma equivocada, torna-se uma forma vazia e superficial.

## Referências

- BETTI, M. ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2002, 1(1):73-81<sup>a</sup> e Esporte – 2002, 1(1):73-81
- BRATIFISHE, S. S. **Avaliação em Educação Física: um desafio**. Revista da Educação Física, v. 14, n.2, p. 21-31. Maringá, 2003.
- FREITAS, L. C. **Ciclos, seriação e avaliação – Confronto de lógicas**. Moderna. São Paulo, 2003.
- LÜDKE, M.; MEDIANO, Z. **Avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica**. Campinas: Papirus, 1992.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LUCKESI C. C. **Avaliação da aprendizagem... Mais uma vez**. Revista ABC EDUCATIO nº 46, p. 28 e 29, junho de 2005.
- PALAFIX, G. H.; TERRA, D. V. **Introdução à avaliação na Educação Física Escolar**. Pensar a Prática, Goiânia, v.1, n.1, p. 23-37, 1998.
- SANTOS, W. MAXIMIANO F. L. **Avaliação na Educação Física Escolar: Singularidades e diferenciações de um componente curricular**. Ver. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.35, n. 4, p. 883-896, out./dez. 2013.
- SAVIANI, Dermeval. **Origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica**. COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS-Marxismo e Educação: Fundamentos Marxistas da Pedagogia Histórico-Crítica, v. 7, 2012.
- SOARES ET AL, **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2 ed. São Paulo; Cortez, 2012.

**APÊNDICE – I****ROTEIRO DE ENTREVISTA**

- 1.– Para você, o que é Educação Física?
- 2.– Qual o papel da escola?
- 3.– Em sua opinião, o que é avaliar? E por quê?
- 4.– Utiliza alguns critérios para realizar a avaliação? Quais?
- 5.– Qual é a metodologia e avaliação empregada por você?
- 6.– Quais são os objetivos de Ensino e avaliação de suas aulas?

## APÊNDICE – II

### Roteiro de entrevista

-  Critérios utilizados pelos professores para avaliação;
-  Objetivos de Ensino;
-  Metodologia aplicada pelo professor;
-  Forma de Avaliação utilizada;
-  Conceito de Educação Física.
-  Relação entre Critério e Concepção de Ensino;
-  Relação entre concepção de Ensino e Avaliação;
-  Relação entre Metodologia e Avaliação.

#### Professor X

Educação física ao meu ver não deixa de ser uma matéria, mas também é uma ciência que trata o ser humano de uma forma integral. Geralmente o professor entra em sala para falar um pouco sobre o corpo humano, sobre a parte fisiológica, sobre a parte anatômica, porém tem também as partes físicas, que chamamos de aula prática. O problema às vezes, é relacionar essa parte de teoria e prática, além dos desafios que são encontrados em sala de aula como por exemplo: as meninas querem vôlei e os meninos futebol, é sempre assim, não importa em que rede de ensino seja, nem em qual escola ou cidade. Então o primeiro desafio de um professor de Educação física é quebrar esse tipo de ideia, que não deixa de ser um pré-conceito. Para mim Educação física é isso, o ser humano de uma forma integral. A escola deve proporcionar ao aluno que ele tenha esse tipo de aprendizado de forma integral, pois o professor não consegue fazer isso sozinho, não irá conseguir fazer atividades fora de sala em que as vezes a própria escola coloca um parâmetro, ou nas reuniões de professores e coordenadores, que dizem o que nós devemos

trabalhar e as vezes o que eles falam o que devemos trabalhar, não condiz com seu conceito de Educação Física e seu conceito de algum conteúdo que compõe a Educação Física. Então o papel da escola na verdade é apoiar o professor e fazer essa mediação entre a matéria, os conceitos(conteúdos) e os alunos. Avaliar é difícil, nós temos uma ideia creio que limitada ainda. **Eu como comecei agora, tenho uma ideia muito limitada de avaliação, às vezes nós achamos que deve dar uma nota por exemplo: participação, na Educação Física geralmente é isso que fazem. Porém, como eu posso avaliar a participação de alguém? Será que só por aquilo que eu vejo o aluno fazendo em quadra?** Portanto, **para mim avaliação é algo complexo e indefinido ainda** eu ainda não consegui ver uma parte prática disso apesar de eu fazer as avaliações. Eu cheguei aqui e já disseram que Educação Física não tinha prova, pois eles tratam como uma matéria especial, é como Religião e Inglês. Então Educação Física está entre essas três matérias especiais. **Então os meios de avaliar que eu coloquei para a minha matéria foi o seminário, foi também uma atividade de resenha com textos de apoio misturado com discussão e uma parte de diário e embalagem, já que o bimestre inteiro foi nutrição, então foi uma forma que eu consegui de avaliar.** Não acho que a avaliação sempre é justa, até porque uma nota em **grupo talvez não de para enxergar quem realmente participou e quem realmente aprendeu.** No seminário o que eles geralmente fazem? Nós também fizemos isso quando fomos alunos, eles dividem, cada um fica com uma parte do conteúdo e cada um fala sobre aquela parte que ficou com ele. **Então, eu não acho que seja ainda uma forma completa e justa para avaliar, mas é um critério que eu coloquei e que eu achei por enquanto de fazer isso.** Nós somos praticamente obrigados a fazer isso(avaliar) e os alunos precisam ter uma nota. Aqui, dou aula da Educação Infantil ao Ensino médio, então no infantil eu avalio conforme os critérios deles(escola), por que? Entra no site e coloca cada fase de desenvolvimento, mas como você vai avaliar aluno por aluno, você ter que lembrar de um por um, o que fez em cada aula, é difícil em uma sala de 32, 40 alunos. Então avaliar é preciso para ter a nota no final, mas creio que da forma que é hoje ainda e da forma que eu faço, não é uma forma completa para eu poder saber se o aluno evoluiu alguma coisa, se ele aprendeu, se ele acumulou para poder usar isso depois. Por exemplo, um seminário que eu passei para eles, eu coloquei uma ficha que cada requisito valia uma quantidade de ponto, então cooperação em grupo, creio que não fica tão evidente, mas dá pra ver quem pelo menos fez um pouco ou quem participou de alguma forma do grupo, que não fez ali na hora. Então esse foi um critério que eu usei, cooperação em grupo e colaboração.

Outra coisa foi criatividade e conteúdo, então essas três coisas eles tiveram que usar para fazer um seminário sobre vegetarianismo. Então são critérios que eu coloquei dentro de uma avaliação só que, eu fiz. Em um texto, por exemplo, eu não consegui colocar critérios para avaliar, então eu avalei só pelo conteúdo. Outra nota que eu dei foi de produção nas aulas, nisso eu olhei se os alunos realmente fizeram as atividades, como toda vez eu faço aula teórica e prática, eu vejo se o aluno comenta algo ou não fala nada durante o tempo que eu estou passando o conteúdo, são esses os critérios que eu uso. Eu já estudei todas as metodologias, como eu sou recém formada em Educação Física, então eu estudei. Mas eu não consigo dizer qual a metodologia que eu uso, se é crítico-superadora, se é críticoemancipatória, etc. Mas eu sempre uso a mesma coisa que é: eu falo com eles na sala, não em todas as aulas, mas na maioria eu relembro as regras que já colocamos no começo, que geralmente são regras de respeito, que são regras aplicadas dentro de quadra. Após isso, passo uma parte teórica e depois levo para a quadra e lá fazemos alguma atividade relacionada ao conteúdo. Nutrição ainda é um pouco mais difícil de relacionar, então o que eu fiz foi um circuito, pedi para eles trazerem embalagens de diferentes tipos de alimentos de algumas categorias que passei para eles, então foram essas as partes práticas. Com o Ensino médio eu tenho que negociar algumas aulas livres também, pois ao contrário não rende e eles tem pouquíssimas aulas em comparação ao fundamental I e II, então eu já coloco dentro do cronograma essas regras e essa aula livre que é geralmente no final de bimestre ou quando finalizou algum tipo de avaliação(prova), essa é a metodologia que eu uso. As avaliações foram como eu já falei, uma das coisas que eu fiz nesse primeiro bimestre, que é sempre um resumo e discussão sobre um texto de apoio, coloquei também um filme que posso passar a partir do conteúdo, seminário e a nota com a ficha de colaboração, produção nas aulas, desenvolvimento motor eu inseri na ficha, mas não tem como eu avaliar isso pois eu não consigo ver como ela conseguiu evoluir na parte motora. Provas como eu já disse, não tem, pois a escola colocou isso. Tem uma semana de provas aqui que está sempre no calendário e mesmo não sendo prova de Educação Física, se for na minha aula, eu tenho que cuidar a sala, então algumas aulas minhas são ocupadas, assim como a dos outros professores, para isso. Mas eu posso fazer algo que tenha o mesmo peso da prova, que eu escolhi o seminário que eu faço eles fazerem na forma mais criativa possível e eles adoram participar de atividades assim. Sendo de forma criativa, não fica aquela coisa cansativa, que quem fala não aprende e quem ouve também não aprende, pelo menos alguma coisa eles vão assimilar.

Professor Y –

A Educação Física, como vemos nos nossos estudos na faculdade trabalha as práticas corporais, então eu vejo aqui que é como se fosse uma forma de trabalharmos a cultura corporal com as crianças de uma forma diferente do que elas veem no dia-a-dia, elas veem tudo muito irrigado de preconceito, de estereótipos que a sociedade coloca em tudo. Então creio que aqui, a Educação Física tem um papel de desmistificar algumas práticas corporais e passar a mostrar além do que elas conhecem no cotidiano delas. Vemos que a escola é onde o conhecimento historicamente construído e sistematizado é passado para os alunos, mas além disso também, creio que é essa relação para mais do que conhecimento só, essa relação, essa interação com o conteúdo, não só aprender por aprender, tem o conteúdo e eu vou decorar, mas vivenciar ele, pois se não trouxer para a prática do aluno, ele não vai aprender. É como você trabalhar regra de três em matemática e chegar na Educação Física para saber a frequência cardíaca máxima ele não dar conta de fazer, por que a regra de três é só para matemática, elas não se aplicam em mais nada. Então fica como se fosse algo enraizado, a escola não tem sentido se não for para a vida do aluno. A escola tem esse papel de mostrar o conteúdo que já foi construído e relacionar com a vida deles atual, trazer para o cotidiano, para a vivência do aluno. Avaliação é algo bem complicado, por que a forma como a educação hoje pede para avaliarmos, é um tanto superficial, tem que dar uma nota. Como é que eu vou dar uma nota para o conhecimento de um aluno? Tem tanta coisa que ele traz e que ele avança, mas não chega ao padrão que é estipulado, então avaliar é bem complicado. Então creio que avaliar é pegar todo desenvolvimento do aluno, perceber o que ele tem previamente sobre o assunto, o que ele conhece sobre aquele assunto e ver o progresso dele, o que ele conseguiu captar das tuas aulas e do conteúdo trabalhado. Então avaliar o ponto de partida até onde ele conseguiu evoluir naquele curto espaço de tempo que você teve para trabalhar. Avaliamos para saber a forma como a gente está trabalhando o conteúdo, trabalhando o assunto, se ele está seguindo uma direção legal ou não, se está sendo aproveitado pelo aluno, se ele está conseguindo compreender ou se é necessário a gente repensar a forma que a gente está trabalhando e assim tentar melhorar esse entendimento e o índice da avaliação dele também. Nas minhas avaliações eu sempre procuro fazer prática teórico prática, parto do que eles conhecem através de discussões em sala, sempre vendo o que eles já sabem, faço uma relação com meu planejamento e aí sim eu passo o conteúdo para depois voltar pra prática de novo, pra ver o que avançou ou não. Esse critério que eu utilizo prática a partir do que eles conhecem trabalhar e depois voltar para a prática novamente. Cada bimestre eu procuro trabalhar de uma forma diferente, pra não ser algo maçante. Eu procuro não passar avaliação(prova escrita), pois creio que é uma forma muito mínima de você poder perceber o que o aluno aprendeu ou não, então eu vou trabalhar agora com portfólio, que vão ser atividades que eles irão fazer ao longo do bimestre, eles vão ter que ir anexando, então não vai ser avaliado uma atividade e sim o todo o processo dele. Também trabalho com seminários, trabalhos escritos em grupos e apresentações na quadra onde eles são os professores, principalmente das turmas que são mais agitadas, então eu coloco eles no meu lugar. digo como eles têm que fazer. Então a partir daí eles tem que desenvolver e muitas vezes até auxiliando o trabalho por que eles veem o quanto não é fácil ficar lá na

frente da turma. Então eu trabalho também com esses tipos de apresentações. O meu objetivo é que eles avancem o mínimo que eu puder passar pra eles, quando eu cheguei aqui nessa escola a Educação Física era rolar bola e quando eu tentei trazer um conteúdo diferente, eu tive uma rejeição muito grande de todas as turmas, então eu fui colocando um pouco do conteúdo que eu trabalhava e um pouco de bola, então o meu objetivo é que o máximo que eu puder avançar com o conteúdo e fazer com que eles entendam ou que eles criem uma forma de pensar sobre o assunto, é o meu foco principal. Então o meu objetivo é esse, fazer com que eles avancem a partir das possibilidades, se as minhas possibilidades são essas atuais, eu vou avançando gradualmente nelas e não forçar algo, pois já percebi que não dá para trabalhar como é proposto na faculdade é muito difícil na realidade que a gente tem hoje, então você tem que criar meios.

Professor Z –

Educação física é uma disciplina que ensina os estudantes a entenderem o próprio corpo em várias dimensões, então é a disciplina que vai lidar diretamente com o corpo das crianças ensinando-as desde pequenos hábitos de higiene, vai ensinar como o corpo funciona, as partes do corpo e conforme elas vão crescendo, vão aprofundando discussões relacionadas a sociedade assim que elas vão aprendendo as outras disciplinas. A escola tem um papel importante por que ela é legitimada como um aval de disseminação do conhecimento humano adquirido, historicamente produzido. Mas sinceramente, pra mim, a escola tem um papel de perpetuar a forma de estrutura social que a gente tem, então ela continua mantendo (no caso da escola pública), ela mantém os filhos dos trabalhadores ocupados com um ensino que não evolui, enquanto na escola particular a tendência é sempre evoluir o ensino para que os filhos da classe dominante sempre tenha o melhor produzido pela humanidade. Avaliar é bem importante, pois tudo que a gente faz é uma ação planejada, a gente precisa reavaliar os passos dessa ação para traçar novas ações, então a avaliação pra mim é uma parte do processo do ensino aprendido em que eu vou observar se o meu aluno está aprendendo, se realmente o que eu estou passando, da forma em que eu estou passando está funcionando e daí poder melhorar a abordagem ou avançar o conteúdo, caso ele já tenha aprendido. Aqui já passamos por vários critérios desde que começou e o que está dando mais certo é forçar com que os alunos escrevam, então a gente força o uso do caderno, que assim fica um critério formal que a coordenação exige, outro critério é observar aluno por aluno dentro daquilo que ele era no começo de cada conteúdo e ao que ele pode entender e produzir ao longo do processo, então é um critério

de observação individual de cada aluno. Por fim o critério de avaliação da turma como um todo, que é a avaliação coletiva, como aquela turma desenvolve de acordo com o conteúdo que estamos trabalhando. Não uso a avaliação por meio de prova escrita e sim trabalhos escritos no caderno. Eu tentei quando entrei aqui na escola, trabalhar com a práxis, mas não funcionou, então a metodologia que eu uso é uma abordagem teórica inicialmente para esclarecer o assunto que vamos trabalhar, não gerar muitas dúvidas e aí a gente vai para uma abordagem prática com vivências corporais. Dentro da abordagem prática, eu posso trabalhar com a práxis porque ele já tem um esclarecimento daquele conteúdo. Os objetivos da minha aula, primeiro temos que pensar na escola, que tem uma particularidade pela localização e o público que ela atende, então a minha aula tem o objetivo de trabalhar o conteúdo da Educação Física de uma forma que também sirva para esses alunos dessa região, que são alunos carentes, alunos que tem problemas alimentares, tem problemas de higiene, muitos não tem pai e mãe, moram com avós ou pai e mãe estão preso, então são problemas familiares muito grandes. Portanto os objetivos da Educação Física da escola na forma em que eu trabalho, é tentar deixar esse conteúdo fácil para que eles entendam, mas de uma forma também que sirva para eles, que tenha algum significância.